

LITERATURA MEDIEVAL

Volume I

ACTAS DO IV CONGRESSO
DA
ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA DE LITERATURA MEDIEVAL
(Lisboa, 1-5 Outubro 1991)

Organização de
AIRES A. NASCIMENTO
e
CRISTINA ALMEIDA RIBEIRO

EDIÇÕES COSMOS

Lisboa
1993

IV CONGRESSO DA AHLM
COMISSÃO ORGANIZADORA

PRESIDENTE

AIRES A. NASCIMENTO
(Universidade de Lisboa)

VICE-PRESIDENTES

CRISTINA ALMEIDA RIBEIRO
(Universidade de Lisboa)

TERESA AMADO
(Universidade de Lisboa)

VOGAIS

ANA MORAIS
(Universidade Nova de Lisboa)

ARNALDO ESPÍRITO SANTO
(Universidade de Lisboa)

LEONOR CURADO NEVES
(Universidade de Lisboa)

MARGARIDA MADUREIRA
(Universidade de Lisboa)

MÁRIO REIS
(Edições Cosmos)

SECRETARIADO

AURORA ALVES
ELSA SIMÕES
LUÍSA ANTUNES
MARIA DA CONCEIÇÃO SILVA
TERESA OLIVEIRA

CATARINA FONSECA
ISABEL FERREIRA
MADALENA TAVARES
PAULO MILITÃO
VÍTOR GOMES

© 1993, EDIÇÕES COSMOS e ASSOCIAÇÃO HISPÁNICA
DE LITERATURA MEDIEVAL

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

Capa

Concepção: Henrique Cayatte
Impressão: Litografia Amorim

Composição e Impressão: EDIÇÕES COSMOS

2ª edição: Maio de 1993
Depósito Legal: 63838/93
ISBN: 972-8081-04-9

Difusão

LIVRARIA ARCO-ÍRIS

Av. Júlio Dinis, 6-A Lojas 23 e 30 — P 1000 Lisboa
Telefones: 795 51 40 (6 linhas)
Fax: 796 97 13 • Telex: 62393 VERSUS-P

Distribuição

EDIÇÕES COSMOS

Rua da Emenda, 111-1ª — 1200 Lisboa
Telefones: 342 20 50 • 346 82 01
Fax: 347 82 55

Dos Salmantinos a Gil Vicente: as Celebrações do Natal

Maria Idalina Resina Rodrigues

Universidade de Lisboa

Talvez com a sua certidão de nascimento em 1492, a dramaturgia peninsular atingiu rapidamente a maioridade, com manifestações de uma energia estética que, se em Portugal se embaciou a partir de meados do século XVI, em Espanha desabrochou com ostentação na magnífica produção teatral do século de ouro.

Eis uma afirmação que não passa, é evidente, de um lugar comum para todos nós. Como lugar comum será acrescentar que três ou quatro homens de teatro lhe deram a vida e a desenvoltura: Juan del Encina (1468-1529?), Lucas Fernández (1474-1541), Gil Vicente (1465?-1536?) e Torres Naharro (1485?-a.1531)¹.

Continuando as generalidades introdutórias, lembremos que os quatro viviam um passado cultural comum, com cortes ligadas (D. Manuel, rei de Portugal entre 1495 e 1521, casa com duas filhas dos Reis Católicos que governam entre 1474 e 1504 e D. João III consorcia-se com uma irmã de Carlos V, imperador da Espanha unificada de 1516 a 1556), ambições histórico-políticas convergentes e grande flexibilidade na contaminação de posturas estéticas.

Quanto ao levantamento, sempre prometido mas nunca exaustivamente levado a termo, do resguardo e da transformação de estímulos por parte do escritor português, muito há ainda a auscultar e a remeter para conclusões seguras. Porque afinidades não faltam, mas a sua explicação não deve ser tentadoramente apressada. E porque acontece também que, através da voz original que sempre nos alicia, é não raramente possível atingir mensagens remotas que seria injusto menosprezar.

A erudição (por que não confessá-lo?), a sensibilidade, a acumulação de saberes culturais terão de dar-se as mãos; os investigadores também, porque não é bom estar sozinho num projecto de tantas faces.

Por isso me vou ficar por enquanto no arranjo modesto de algumas achegas, reduzindo o *corpus* (autos de Natal, *autos de Navidad*) e seguindo Gil Vicente na sedutora constelação de situações dramáticas com que comungou a seu modo na passagem da Velha para a Nova Lei².

Quatro textos, representados todos eles entre a última década de quatrocentos e a primeira de quinhentos nos apontam um convívio iniludível: a *Égloga o Farsa del Nacimiento de Nuestro Redemptor Jesucristo* e o *Auto o Farsa del Nacimiento de Nuestro Señor Jesucristo*, ambos de Lucas Fernández, o *Auto em Pastoril Castelhana* e o *Auto dos Reis Magos*, da lavra de Gil Vicente.

Arranquemos com o que salta à vista: o predomínio de pastores, personagens, aliás, exclusivas em dois dos autos (*A.F.N.* e *A.P.C.*), a inexistência de figuras femininas, o silêncio ou a omissão cénica dos protagonistas bíblicos, apesar da inevitável colaboração de um Anjo que ora foi visto (*E.F.N.*), ora ouvido pelos rústicos (*A.F.N.*), ora se digna cantar uns versinhos para o espectador (*A.P.C.*).

Comparemos:

- Mar. Vn ángel vimos besibre
que dizcas nasció en Bethlén.
- G. Dinos, dinos, dinos ora
si burlas o si departes.

Mar. ¿No vos digo que no ha vn hora
que vn ángel vino a desora,
cantando por dulces artes?

B. ¿Y qué te dixo, Marcelo?
¡Ea, ea!

Mar. Que Dios nasció en este suelo.

G. Y de quién? Dilo, moçuelo.

Mar. De vna virgen galilea.

(p. 178)

Ju. ¡Esperá, pese a sant Pego!,
y dirvos he lo que oy,

Llo. ¿Lo que oyste?

J. Y lo que vy.

Llo. ¿Y cuándo?

J. No ha mucho rato.
Quando amajadaua el hato.

Pa. ¿Y espantóte?

J. Miafé! sí.

Pa. Dínoslo, dínoslo, di.

Ju. Es cosa de grande espanto.

Pa. ¿Alguna hora menguada?

¿O serpentina encantada
te ha medrentado tanto?

Ju. No. Juro a sant Junco sancto!

Pa. Pues dínoslo ya, carillo.

Ju. Con prazer. No sé dezillo.
¡Quán alegre estoy! ¡quánto
desque oy aquel dulce canto!

Llo. ¿Y qué oyste cantar?
Cuydo que no fuessen grillos,
pues no es tiempo de cruquillos.

Pa. O los galos del lugar
serían a mi pensar.

Ju. Era el ángel del Señor
que perñotaua el loor
que deuemos de tomar
todos, todos, y gozar.

Tomemos todos prazer.

(pp.198-199)

Dormem e o ANJO os chama cantando.

Ah, pastor!
que es nacido el Redemptor.

Gil. Zagales, levantar d'ahí,
que grande ñueva es venida:
que es la Virgen parida,
a los ángeles lo oí.
Oh qué tónica acordada

- de tan fuertes caramillos!
 Brás. Cata, que serían grillos.
 Gil. Juri a ños
 que eran ángeles de Dios!
 Lucas. Y nos aquí levantados
 qué le havemos de hazer?
 Gil. Mi fe, vámoslo a ver.
 Brás. Y así despelluzados?
 Gil. Pardiez, que es para ñotar!
 pues el Rey de los señores
 se sirve de los pastores?
 Nueva cosa
 es ésta, y muy espantosa!

(p. 31)

Semelhança na sobriedade da intervenção celeste, reacção parecida dos pastores, espletados mas assustadiços, repetição da brincadeira em torno do canto dos grilos. Não há por onde rejeitar os traços de família.

Se o *Auto dos Reis Magos* mobiliza também um ermitão, um cavaleiro e os três poderosos orientais, a *Égloga o Farsa del Nacimiento* já dera ocasião à comparência em cena do primeiro deles. E com idêntica função, bem diferente, aliás, do tratamento a que um Gil Vicente satírico e sem papas na língua mais tarde viria a submeter os infelizes ermitães do teatro profano³.

Dissemos função idêntica e não a mesma função. Sejam os cuidadosos, porque realmente não há gémeos mas apenas irmãos.

É verdade que, nos dois casos, a dicotomia ermitão-pastores corporiza o desnível de conhecimentos e de criação, que, em ambos, os campesinos desconfiam inicialmente da compostura do seu interlocutor, confundindo-o com o detestado vendedor de bulas e pregador de mau exemplo, que experimentam a sua ciência sujeitando-o a um questionário de banalidades, embora de desigual travessura.

Quanto ao mercado de indulgências, cuja notícia não é de estranhar, porque nestes autos o tempo do Nacimiento e o da contemporaneidade dos escritores se embrecham sem preconceitos artísticos (pouco mudou do I ao XVI século?), fixemo-lo bem porque a sua menção nos elucida sobre quão cedo se introduziu no teatro ibérico a crítica aos costumes menos cristãos do Cristianismo oficial.

Em Lucas Fernández:

- B. ¿Quién soys que a tal ora andáys?
 M. Hermitaño en San Ginés
 so yo.
 G. ¿Pues cómo os llamáys?
 M. Macario.
 B. ¿Y dó camináys?
 Cuydo que trampa traéys.
 M. Cierto no.
 G. Gran famulario
 deuéys ser.
 ¿Rezáys nesse calendario?
 ¿Soys bisodia o soys almarío?
 B. Mas Sant Ilario a mi ver.
 M. No queráys así hablar,
 pastorcicos malcriados,

- G. ¿Andáys a torrezmezar?
 ¿o quiçá a gallafear
 por aquestos despoblados?
- B. ¿Soys echacuerbo, o buldero
 de cruzada?
- M. No hables ansí, compañero.
 (p. 175)

Em Gil Vicente:

Gregório. He miedo que me burláis.
 Traéis a ende breviario,
 o calandario,
 o sois fraile? Como quiera,
 si aliño aquí hoviera
 bien quisiera,
 si sabéis bien de vicario,
 que digáis un trintanario
 al rosario,
 porque Dios me dexa ver,
 sin tener
 al demuño por contrario,
 aquel precioso sagrario.

Valério. Buldas devéis de traer
 a vender,
 que os estáis chacorveando.

Ermitão. Harto es esso de desmando,
 pues veis que estoy hablando,
 contemplando
 lo que nos es menester
 se suyos queremos ser.

(p. 40)

Pelo que ao interrogatório respeita, há que separar águas, porque no auto vicentino as perguntas são mais matreiras e menos apropriadas ao momento religioso, mau grado a cordura, hostil à violência física com que os pastores dos campos de Salamanca agrediram Frei Macário (p.176).

Perguntas ao jeito de quem sabe não ser fácil a resposta e de quem tem na consciência pecadinhos a arejar, mas acima de tudo perguntas sobre o amor e os amores, a fervilharem em homens sadios e pouco habituados a espartilhos morais.

Inexperiente, o sisudo frade nem sequer ensaiou resposta. Polidamente mudou de assunto e deixou a inquirição no ar; pela nossa parte, vamos repensá-la e cada qual que contraponha o que tiver na sua ideia:

Valério. Otra cosa más oscura
 y más dura
 quiero, Gregório, hazer.
 Pregúntale, quiero ver
 su saber,
 que a según su gestadura,
 es lletrado en la scriptura.

Decid, padre, es gran pecado
deñodado
andar tras las zagalejas
y henchirle las orejas
de consejas
por metellas en cuidado?
Dexar entrar el ganado
en lo vedado
por andallas namorando?
Estálo Dios oteando
y assechando?
Si de esto tiene cuidado,
ni punto estará parado.
Que todos en mi lugar
a la par
andan transidos d'amores;
los jurados, lavradores
y pastores,
y aun el crego a más andar
lo veo resquebrajar
y sospirar
por Turibia del Corral:
dizidme, fraile, es gran mal
desigual,
o se deve perdonar,
pues no se puede escusar?
(pp.41-42)

Diferenças há-as também no próprio perfil da figura que na *Égloga o Farsa* é, desde a entrada no tablado, quem mais se interessa pelo caminho para Belém (p.175), sendo que a peçazinha do português dá de imediato acesso a um pastorzinho determinado a acertar na jornada até ao Menino.

O religioso, no entanto, merece um pouco do nosso perdão, pela moleza que ele próprio confessa (p.39) e pela boa vontade que põe no esclarecimento dos serranos.

E depois, o facto é que, tanto no primeiro como no segundo dos textos, lhe chega também indirectamente a notícia alegre de que se cumpriu a promessa de Abraão: um terceiro pastor traz a novidade em Lucas Fernández e um cavaleiro no *Auto dos Reis Magos*.

Se não é um ermitão o incumbido da revelação das verdades bíblicas, é que alguém a fará em vez dele, porque a matéria que importa à salvação tem mesmo de ser aprendida. Por isso, no *Auto o Farsa* e no *Auto em Pastoral Castelhana*, os dramaturgos se socorrem sem detença de um pastor mais instruído que os outros.

O Gil Terrón português, que desde o início se apartava dos companheiros e encantava com a solidão, depois de adorar o presépio, é até capaz de papaguear profecias e afoitar-se no dogma da Encarnação; os outros curvam-se satisfeitos à sua superioridade:

Brás. Gil Terrón lletrudo está!
muy hondo te encaramillas!
Gil. Dios haze estas maravillas.
Brás. Ya lo veo, soncas ha!
Quien te viere no dirá,
que naciste en serranía.

Lucas. Cantemos con alegría,
que en esso después se hablará.
(p. 36)

E Juan (nome com conotação religiosa?), avistado ao longe o Anjo, também ficou apto a alinhar o Novo e o Velho Testamento e a apurar os conhecimentos rudimentares e um tanto desconchavados dos amigos:

- Pa. ¿Y a dó nasció?
J. En Belén.
Llo. ¿Tan chico lugar tomó?
Ju. Do su madre lo parió
estaua profetizado
por el profeta Mechías.
D'Este dixo Zacharías
que vernía humillado
en carne humana encerrado.
Pa. Humilde Cordero manso,
nuestro bien y gran descanso,
de las gentes desseado,
de los profetas amado.
Ju. Los del seno de Abrahán
sanctos padres patriarcas,
legis doctores monarchas,
todos se agasajarán.
En el limbo donde están
ales venido el consuelo
que ya esperauan del cielo.
Hartar-se ha qualquier gañan
ya del angelical pan.
[A] aqueste Dios perñotó
Abrahán en trinidad,
trinidad en vnidad,
quando tres ángeles vió
y vno solo adoró.
Ysac en ser obediente
lo figuró claramente.
Ya la estrella de Jacob
todo el mundo rellumbró.
(pp. 201-202)

Divulgada a boa nova, todos mudam. Antes dela ocupavam-nos o gado, as cantigas e os bailes, as brigas e as *pullas*, as contas a prestar aos amos, o tempo que não ia bom, os jogos de lazer; algo contudo se preparava já nessas conversas, em saia-guês, desse punhado de homens baptizados à moda do povo que lá tem as suas preferências (Gil, por exemplo, no *A.P.C.* e na *E.F.N.*)⁴.

Mais atilados começam, talvez, os de Gil Vicente, ainda que com muitos dislates a cortar aqui e ali a seriedade das alterações.

No primeiro auto é quase a um debate sobre a vida contemplativa que a fraseologia oscilante dos interlocutores nos conduz, enquanto os bons conselhos de Gil a Lucas vão direitos ao proveito da oração:

- Gil. Y aun por esso que yo sospecho
me aparto de saltijones;
que vanas conversaciones
no traen ningún provecho.
Siempre pienso en cosas buenas:
yo me hablo, yo me digo;
tengo paz siempre conmigo,
sin las penas,
que dan las cosas ajenas.
- Lucas. Ño me quiero estar tras, tras;
ya perdido es lo perdido.
Qué gano en tomar sentido?
Qué dizes, Gil, y tú, Bras?
- Gil. Tú muy perezoso estás:
busca, busca las cabritas
tras que tienes muy poquitas,
ño te das
de perder cada vez más.
Encomiéndalas a Dios.
- Lucas. Qué podrá esso prestar?
- Gil. Él te las irá buscar,
que siempre mira por nos.
- Lucas. Si los lobos las comieron,
hámelas Dios de traer?
Harto terná que hazer!
Y si murieron,
mucho más que yo perdieron.
(pp. 26-27)

Convergentemente, no *Auto dos Reis Magos*, a busca do Menino, obsessiva no primeiro pastor, é desejo latente de todas as personagens que a chegada da cavalgada real irá satisfazer.

Passando à vertente profana e averiguado como a espreitadela do amor se reduz aos dois textos vicentinos (vimos como ela acontece no colóquio com o ermitão e poderíamos comentar o casamento de Silvestre no *Auto em Pastoril Castelhana*), reparemos como outras usanças do mundo rural se repercutem mais, e mais realistamente, nos de Lucas Fernández: as ligadas à terra, aos prazeres, às prendas e negaças das estações, à boa cama e à boa mesa. Será em parte por isso que uma forma de prever o anúncio do Anjo está na alteração dos elementos (pp.194, 200, 201)? Quem sabe, mas não recusemos, no entanto, aos diálogos iniciais a possibilidade de uma leitura em termos de preparação moral.

Bonifacio e Gil discutem, na *Égloga o Farsa*, a jactância do primeiro, cujas gabarolices o outro repreende, recomendando a humildade.

No auto seguinte, Pascual e Lloreinte cavaqueiam sobre a efemeridade da vida e desentendem-se sobre os prazeres dos dorminhocos, o que bem pode trazer um recado de alerta ao bem viver e aos seus sinaís.

Canta o Anjo e cessa a controvérsia, como há pouco adiantámos. Removidas as naturais reservas, harmonizam-se os ânimos desavindos e estuga-se o passo rumo a Belém, com a cadência dos instrumentos musicais.

Como o Menino terá frio, o grupo da *Égloga*, onde houve quem pensasse mercar uma *mantilla*, carrega um *gavan*, uma *fedegosa* e um *chibato* (p.183). Os pastores do *Auto em Pastoril Castelhana* foram mais imprevidentes e por isso Gil lamentou não ter levado o

çamarro (p.33). Os do *Auto o Farsa*, esses, cogitaram bem na alimentação do recém-nascido, para quem correram a apresentar um *pato*, um *cabrito*, um *cordero*, um *chorlito*, *leche e natas* (p. 206).

Ao ritmo dos *villancicos*, deixamos os pastores em alegre marcha para Judá. Eles já aprenderam muito sobre o Messias, sobre o porquê do seu nascimento na manjedoura, sobre Maria e sobre os patriarcas e profetas do Antigo Testamento.

Estão longe dos de Gil Vicente, que se ficam pelo essencial: basta-lhes não ignorar Salomão, Malaquias, Miqueias, Isafas e David (pp. 34, 35 e 46) nem os rudimentos banais do mistério do Verbo incarnado. Menos sabichões, comovidos e deslumbrados como só eles, têm contudo uma satisfação que o autor salmantino não deu aos seus. Eles chegam mesmo ao presépio e, tal como os Magos, adoram a Virgem e o seu abençoado Filho, manifestando na espontaneidade das suas palavras e da sua *chançoneta* o lirismo que a sua alma generosa derrama:

E chegando ao presépio, diz:

- Gil. Dios mantenga a vuestra gloria!
Ya veis que estamos acá
muy allegres, soncas, ha,
de vuestra ñueble vitoria.
A vos, Virgen, digo yo,
que el mochacho que hoy ñasció
ño entiendo que me entiende
mas sí que todo comprende,
del punto que se engendró.
- Lucas. Qué casa tan pobrezita
escogió para ñascer!
- Brás. Ya comiença a padecer
dende su niñez bendita.
- Silvestre. De paja es su camazita.
- Lucas. Y establo su posada.
- Brás. Loada sea y adorada
y bendita
la su clemencia infinita.

(pp. 32-33)

Estar próximo de Lucas Fernández não significa naturalmente estar longe de Juan del Encina, de quem o primeiro aproveitou boa parte dos expedientes dramáticos, mau grado os arrufos que os desencontraram. Com Encina o pastor lírico tornara-se dramático, o saiaçu entrara nos hábitos gostosos dos espectadores, o abraço entre o cómico e o sério viera para ficar⁵.

Tudo isto sabemos bem, como sabemos que o *Auto da Visitação* (1502) tem dívidas de vulto para com a *Égloga I* do salmantino (1492) e outras de menor monta para com o posterior *Auto del Repelón*⁶.

Curioso até que tanto Gil Vicente como Juan del Encina fossem dramaturgos de corte (real ou ducal, é certo), que a sua produção se reparta por fases de desigual orientação (maior e menor precaução religiosa), que os *Triunfos*, em especial o do Amor, a ambos tenham tentado.

Quanto, porém, aos autos de Natal, torna-se difícil destrinçar em que medida o nosso dramaturgo dele directamente se valeu.

Porque figuras como o ermitão esclarecido que Encina traz à cena na *Representación III* também estão no discípulo espanhol, a quem igualmente tenta o tópico da oposição entre o

pastor e o cavaleiro (Encina, *Representación VII e Representación VIII*, Fernández, *Farsa o quasi Comedia*) que passará ao *Auto dos Reis Magos* de Gil Vicente.

O figurino pastoril dos intervenientes na história sagrada, suporte de toda a *Égloga II* de Juan del Encina, onde cada evangelista conta, bem agarrado à informação que veicula no correspondente texto bíblico (Lucas está mais atento ao anúncio do Anjo e à adoração, Mateus aos antecedentes do Messias, João aos ensinamentos do Baptista) bem poderia passar ao *Auto da Sibila Cassandra* (1513) e ao *Auto de Mofina Mendes* (1515?), especialmente ao primeiro onde profetas, patriarcas e sibilas, com gestos, linguagem e trajos de gente do campo, se ocupam da vinda de Cristo e da virgindade de sua mãe, de acordo com o que sabemos terem efectivamente sido as suas previsões.

Mas não é natural que assim se tenham passado as coisas. O processo estava relativamente generalizado e as coincidências acusam mais um património comum que a precisão de uma influência directa⁷.

Fixemos ainda que, em Encina, a convenção tem muito de artificial, pois os pastores, contemporâneos de Cristo e seus apologistas, pouco nos dão de facto do pulsar buliçoso e afadigado da vida rural. Não assim, como veremos, nas peças de Gil Vicente.

E, tal como acontecerá em Lucas Fernández, põem fim à peça cantando um *villancico*, em direcção a Belém.

Já na chamada *Égloga de las Grandes LLuvias* (1498), descortinamos, explícita, uma matriz comum aos quadros vicentinos. Lá estão as duas partes, uma mais virada para as vivências colectivas e pessoais dos jovens rústicos de finais do século XV e outra posterior à intercessão do Anjo que os encontra jogando, meio a sério, meio a brincar:

El Ángel

Pastores, no ayáis temor,
que os anuncio gran plazer.
Sabed que quiso nacer
esta noche el Salvador
redentor
en la ciudad de David.
Todos, todos le servid,
que es Cristo, nuestro señor.
Y doyos esta señal
en que le conoceréys:
un niño embuelto, hallaréys,
probremente so un portal,
y aun es tal
quen un pesabre está puesto,
y conoceréys en esto
aqueel gran rey celestial.

(pp. 131-132)

Ouvido o enviado, não há quem fique quieto ou indeciso quanto ao que fazer. Reúne-se *leche*, um *cachorrito*, um *cabrito*, um *quesito*, *mantequillas*, *huevos* (pp. 134-136) e lá se vai em grupo com muitos e animados cantares.

Se os pastores chegam a Belém, não temos disso notícia, mas ficamos a saber que em doutrinas e leis não pensaram muito, nem nas antigas, nem nas novas. Nenhum alvitre para a cultura bíblica dos que virão a seguir pela mão de Lucas Fernández, nem sequer para os que Gil Vicente não deixará completamente ignorantes. No que, sim, estes podem remeter para os de 1498 é na carga lírica que, aliás, fazem crescer, quando falam e quando cantam.

Na noite de 24 de Dezembro de 1523, repousando talvez D. João III no ainda jovem paço manuelino de Évora, um tal Gil «que faz os aitos a el-rei» (p. 127) preparou para ele e para a sua prestigiada corte mais um serão de festa; um entre os muitos com que desde 1502 a todos vinha ajudando, com muita arte e não menos graça, a guardar na memória o facto irreversível e contagiante da Encarnação do Salvador, sem perder o ensejo para repreender de quando em quando as mazelas do povo cronológica e culturalmente balizado que era o seu.

Aconteceu assim a representação do *Auto em Pastoril Português* que, no xadrez teatral de composição, atitudes cénicas e propostas interpretativas é parente chegado dos que acabámos de recuperar.

Dessas peçazinhas longínquas arrecadava o autor a separação dos dois quinhões de versos (episódio pastoril e adoração) ligados pela nova da manifestação do Deus Menino, as marcas despretenciosamente teatrais da tagarelice, das brigas, dos labores e dos descansos da gente rústica, o pasmo irreflectido de quem não tem o sobrenatural à mão, o contraste entre um relativo afastamento visual das figuras sagradas e a familiaridade com os gestos e palavreado das profanas, o frente a frente entre o mais e o menos saber, encomendado aquele aos clérigos que entoam um *hino* (pp. 142-143) enquanto os pastores farão a sua *chacota* (pp. 143-144).

Testemunho de como na aventura gostosa da adivinha se enxerta o apego a um espaço natural primário, as estrofes que seguem dão contas da inadequação inicial da mentalidade campesina a uma revelação para que o dia a dia não prepara:

- Margarida. Ai, manas, que eu achei!
 Catarina. Onde?
 Margarida. Na serra, em cima.
 Madalena. Que é, Margarida, prima?
 Margarida. Quase, quase não o sei.
 Inês. Chufas?
 Margarida. Não, pardeus, amigas.
 Catarina. Rogo-te que nô-lo digas.
 Margarida. Mas é pera adivinhar;
 e quem quer que o acertar,
 eu a fartarei de migas.
 Inês. Será algum cogumelo?
 Margarida. Não, que tem olhos e mãos.
 Catarina. São caçapos temporãos.
 Madalena. Mas, samicas, pesadelo.
 Catarina. Onde o trazes?
 Margarida. Na lenha.
 Catarina. É raposo, Deus mantenha.
 Margarida. Si raposo: teu pai torto!
 Inês. Ouriço cacheiro morto.
 Margarida. Não é cousa que pele tenha.
 Madalena. Mas sabeis que é? Leitão,
 que tem couro e não tem pele!
 Margarida. Leitão? Isso vos era ele.
 Inês. Ele não há-de ser cão.
 Margarida. Nem ave, nem cousa viva
 nem morta.
 Catarina. Ó cativa!
 E tem pés e mãos e olhos?
 Margarida. E narizes e giolhos;
 nem é cousa mansa nem esquiva.

- Catarina. Rogo-te que digas que é,
que isso parece patranha.
- Margarida. Tenho-a eu por façanha,
e não pequena, a bofé.
- Catarina. Não o dessengules mais.
- Margarida. Se atentegas estais,
muito asinha vos direi
o que vi e que achei,
contanto que me creais.
- Chegando à Pena Furada,
aquém da Virgem da Estrela,
achei serua donzela,
bofá, donzela dourada.
E como a vi, como digo,
saltou tal temor comigo,
porque ela reluzia,
que estava, se fugiria;
tal claror tinha consigo.
- E um menino brincando
com seis ou sete donzelas;
santas pareciam elas.
- Madalena. Isso seria sonhando.
- Margarida. Mas antes bem acordada.
Não me quereis vós crer nada?
- Catarina. Diz, diz, Margaída.
- Margarida. Pois chufa tu, Madanela,
que Nossa Senhora era ela!
- (pp. 137-138)

Destas mesmas estrofes partiremos agora para a enumeração comentada dos principais desvios deste auto de Natal relativamente aos que lançaram o poeta-dramaturgo. Ficará assim desde já salvaguardado o parecer de quantos têm insistido na habilidade vicentina para redizer o já dito, sem iludir a persistência das opções, mas desatando o feixe dos pontos de vista e emparcelando ou construindo conteúdos já formalizados⁸.

Estamos, sem equívocos, diante de um auto em que os antepassados remotos se rejuvenescem com o sangue novo de cruzamentos e disposições próprias.

Atentemos nas primeiras surpresas. Talvez não esperássemos encontrar pastoras (só tínhamos ainda conhecido pastores), e para mais da Serra da Estrela (Gil Terrón e os seus pares não deveriam andar muito longe de Belém), eles e elas a falar português (arcaico, possivelmente) e com a felizarda Margaída a louvar-se na conversação amena com Nossa Senhora.

Com esta humanização da Sagrada Família não nos admiremos, no entanto, demasiado. Este Menino que brinca com as suas aias⁹ é o mesmo que tremia de frio no *Auto em Pastoril Castelhana* (p. 33) e à Senhora sua mãe se dirigira o pastor Gil sem cerimónia, gabando o *mochacho* acabado de dar à luz (p. 32). Poupano embora as personagens santas ao diálogo ouvido, o nosso autor teve sempre queda para os presépios em que a simplicidade dos protagonistas estimulava o à-vontade dos rústicos.

Descolando de vez da amostragem textual, reconheçamos de imediato, mais descontraídos e contundentes, alguns avisos dos autos de princípio de carreira.

Assim, a crítica ao clero, bem embrulhada e acidental no *Auto dos Reis Magos* (pp. 41-42), ganha perante D. João III, através do jovial estratagema da intervenção de Nossa Senhora

e da malícia certa da daquela roda de moços desembaraçados, jus a um crédito mais ponderado do espectador/leitor. E as acusações não são brincadeira. Se Maria se mostra melindrada porque o cura *Horas nunca lhe rezou* (p. 139) e *não falou nem mal nem bem* do prior (p. 140), menos indulgentes são os jovens, especialmente os namorados, bons conhecedores do descaramento de uma mão-cheia de padres que não dão tréguas às cachopas do lugar, a quem, *inclusive*, trocam as voltas quando elas os procuram de consciência lavada; pelo que mais os queriam ver bem casados que a dizer missa e desencaminhar filhas de boa gente:

Afonso. E do priol disse alгорrem?
Margarida. Não falou nem mal, nem bem.
Joane. Também ele é bom piloto,
Afonso. Mas é valente minhoto,
qu'apanha as frangãs mui bem.

Joane. Dou já ó Decho o reixelo.
Fernando. E Pero Gil, capelão,
que lhe dizes?
Joane. Que varão!
como lh'elas vêm a pêlo,
nenhuas lhe escaparão.
Afonso. E Janafonso Altos-Pés?
Fernando. Também esse é bom freguês,
e muito gamenho zote.
Joane. Ontem lhe dei eu um mote
sobr'isso, bem português.
Vão-se iaramá casar,
e não andar de soticipa.
Juro a Deus, s'eu fora papa,
eu lhes secara o cantar.
(p. 140)

Quanto aos pastores, menos ainda sabem eles rezar que os que o Anjo espicaçara nos autos mais antigos. Não há sequer neste texto qualquer paródia a devoções mal entendidas, a deturpações grosseiras de versos litúrgicos, a restos de sabedoria natalícia, nem, como se torna evidente, a passos do Antigo Testamento. Cada um dá o que tem e, se o cura é obrigado às Horas de Nossa Senhora, ao povo rude basta-lhe alegrar o Menino e a sua mãe:

Joane. Pois não sabemos rezar,
 façamos-lhe ua chacota,
 porque toda a alma devota
 o que tem, isso há-de dar.
(p. 141)

Desentendidos de doutrina, estes campónios à portuguesa tocam melhor as suas cabras irrequietas e fugidias (p.129), escolhem bonitos presentes para as pretendidas (pp.130 e 133), são senhores do seu nariz, como Catalina, e dos seus bens, como Fernando, e convidam manhosamente ao amor a troco de *pão* (p.134), de *belotas* (p.135) e de *toucinho* (p.136).

Se os primeiros não renegavam as suas origens e as suas simpatias, estes entregam-se-lhes talvez com maior entusiasmo. Ao que não será por certo alheio o facto de, no *Auto em Pastoril Português*, o enredo inicial girar autónoma e exclusivamente em torno dos desacertos amorosos de uns quantos pares de serranos que cercam teimosamente quem os não quer e olham com desdém para quem os ama (Joane deseja Catalina que deseja Fernando que deseja Madanela que deseja Afonso que deseja Inês que deseja Joane).

Isto chamam amor louco:
eu por ti e tu por outro.

(p. 135),

resume Fernando a quem, de parceria com Joane, Afonso acaba por propor que sejam os homens a ganhar juízo e a abalar à cata de outras mulheres (pp.136-137). Só que o siso também não parece favorecê-los muito, porque já estão de volta quando, recém-vinda, Margarida lhes repete as queixas de Nossa Senhora e nem para venerar a imagem se resolvem a harmonizar vontades:

Joane. Onde não há concordança,
não há i festa nem dança:
nem estemos perfiando.

(p. 142)

Findava, reincidamos na data da representação, o ano de 1523 e Gil Vicente, como vêm evidenciando os estudiosos¹⁰, por motivos pessoais talvez, e estéticos certamente, afeiçoara-se à moda renascentista do *Omnia vincit Amor*¹¹.

Em parte por isso, acorria mais diligente às solicitações para comemorar o que ia acontecendo no universo profano de uma corte faustosa e culturalmente em dia.

Em parte por isso, há que admiti-lo, o seu teatro religioso dava passagem mais larga à fruição dos sobressaltos, dos revezes e dos regozijos amorosos que sempre prenderam o homem e a mulher¹².

Nas matinas do Natal, mas em 1527, novo auto para incentivar a festa, com a corte em Lisboa, já sem a presença da rainha velha¹³. Será o bem amado ou mal amado *Auto da Feira* (mudam-se os tempos, mudam-se os afectos), de costas viradas aos primitivos quadros teatralizados do Nascimento, sem esconder uma certa nostalgia do *Auto em Pastoril Português*, mas sobretudo ponto de chegada de invenções e aproveitamentos levados a cabo no terreno do teatro profano.

Comecemos pelo parentesco.

Mesmo sem adoração presencial ou figurada, é uma representação à Virgem Maria. Sabemos desde o início que lhe é dedicada e deslumbra-nos a belíssima cantiga final que a saúda.

Diz o Tempo:

Em nome daquele que rege nas praças
d'Anvers e Medina as feiras que têm,
começa-se a feira chamada das Graças,
à honra da Virgem parida em Belém.
Quem quiser feirar,
venha trocar, qu'eu não hei-de vender;
todas as virtudes qu'houveram mister,
nesta minha tenda as podem achar,
a troco de cousas que hão-de trazer.

(p. 150)

Ordena-se a *folia*:

I coro. Blanca estais colorada,
Virgen sagrada.
Em Belém vila do amor
da rosa nasceu a flor:
Virgem sagrada.

II coro. Em Belém vila do amor
nasceu a rosa do rosal:
Virgem sagrada.

I coro. Da rosa nasceu a flor,
pera nosso Salvador:
Virgem sagrada.

II coro. Nasceu a rosa do rosal,
Deus e homem natural:
Virgem sagrada.

(pp. 174-175)

Aos anjos e diabos, deuses pagãos e alegorias várias, ausentes dos textos que recordámos, mas a que outros textos vicentinos nos haviam já habituado, juntam-se os compadres e as comadres e o rancho final de moças da Serra da Estrela e dos fregueses mais galanteadores que negociantes.

Como os seus parceiros do *Auto em Pastoril Português*, também estes jovens foram deixando para trás as práticas culturais; de lições bíblicas, se calhar, nem ouviram falar. De Nossa Senhora e da sua indulgência, sim, têm conhecimento, mas para celebrar o seu parto abençoado ficam-se pela cantiga da Virgem *colorada* (p.174).

Sem a mesma exuberância que na peça anterior também o amor e o seu reverso povoam as mentes simples. Que querem afinal os compradores, quando sisudamente e bons conhecedores da produção local pedem *queijadas*, *ovos* ou *cabritos*? E por que lhes contestam as moças com tão manhoso desembaraço, como quem os enxota para longe dos seus cestos bem providos? Amórios que se procuram e amórios que se negam, mais que negócio empatado, está bem de ver. Ora ouçamos a falsa ingenuidade das perguntas e o descaramento das respostas prontas:

- Mateus. Vós rosa do amarelo,
mana, tendes i queijadas.
- Justina. Tenho vosso avô marmelo!
Conhecei-lo?
- Mateus. Aqui estão emborilhadas.
- Justina. Estade má ora quedo,
pela vossa negra vida.
- Mateus. Menina, não hajais medo:
vós sois mais engrandecida
que Branca de Figueiredo.
- Se não trazeis ovos, meus olhos,
não m'os vendais a ninguém.
- Justina. Andar em burra e ter bem:
ouvide ora o rasca-piolhos
(azeite no micho!) em que vem!
- Vicente. Minha vida, Leonarda,
traz caça pera vender?
- Leonarda. Vossa vida negra e parda
não lhe abastará comer
da vaca com da mostarda?
- Vicente. E a mesa de meu senhor
irá sem ave de pena?
- Leonarda. Quem? E vós sois comprador?
Pois nem grande nem pequena
não matou o caçador.

Vicente. Matais-me vós logo meu bem
com dous olhinhos qu'eu digo.
(p. 170)

Com um pouco de boa vontade, porque o agastamento dos compadres e das comadres se encaixa também na porfia em torno do casamento apodrecido que o perspicaz Gil Vicente já retirara da sua paz fingida¹⁴, também nas prendas às avessas dos dois respeitáveis casais descortinamos o sabor cómico dos amores trocados dos pastores e das pastoras de 1523.

Antes que cases vê o que fazes, aconselharíamos nós, sobretudo às mulheres, porque os homens continuam a acamaradar, ainda quando desconstruídos nos juízos:

Amâncio Vaz. Dinis Lourenço, ei-las cá vêm!
Vamo-nos nós esconder,
vejamos que vêm catar,
qu'elas ambas vêm à feira.
Mete-te nessa silveira,
qu'eu daqui hei-d'espreitar.
(p. 163)

A terna compreensão, que levava a Virgem a acariciar Margaída e a dar-lhe urgentes recados para o cura da aldeia, reaparece no Serafim do *Auto da Feira* que, cativado por gente para quem mais depressa Deus era o semelhante do homem do que o homem o semelhante de Deus, se não escusa a um esboço do programa laboral celeste:

Gilberto. Estas cachopas não vêm
à feira nego a folgar,
e trazem de merendar
nestes cestos que i têm.
Mas pois quanto ao que entendo,
sois, samica, anjo de Deus;
quando partistes dos céus,
que ficava Ele fazendo?
Serafim. Ficava vendo o seu gado.
Gilberto. Santa Maria! Gado há lá?
Oh, Jesu! como o terá
o Senhor gordo e guardado!
E há lá boas ladeiras,
como na serra d'Estrela?
Serafim. Si.
Gilberto. E a Virgem que faz ela?
Serafim. A Virgem olha as cordeiras,
e as cordeiras a ela.
Gilberto. E os Santos de saúde
todos, a Deus louvores?
Serafim. Si.
Gilberto. E que léguas haverá
daqui à porta do Paraíso,
onde São Pedro está?
(p. 169)

Aprimoremos o sentido do diálogo; ele pode orientar-nos para a revisão sempre a propósito da problemática do Bem e do Mal, da fé e das obras no percurso religioso de Gil Vicente¹⁵. Assinala a aceitação divina da singeleza da crença e da aproximação a Deus pelas

ladeiras deste mundo. Porque se trata de vectores sempre esmiuçados nos estudos sobre o *Auto da Feira*¹⁶, a revisão será breve e pouco atreita a filosofias.

O Natal bem pode ser tempo para auto-crítica. O presépio era conhecido mas o bem viver minguaava. Daí a necessidade da compra das virtudes a troco da escolha certa e da disponibilidade:

Todos remédios, especialmente
contra fortunas ou adversidades
aqui se vendem na tenda presente;
conselhos maduros de sãs qualidades
aqui se acharão.

A mercadoria d'amor e rezão,
justiça e verdade, a paz desejada,
porque a Cristandade é toda gastada
só em serviço da opinião.

Aqui achareis o temor de Deus,
que é já perdido em todos Estados;
aqui achareis as chaves dos Céus,
muito bem guarnecidas em cordões dourados.

(pp. 150-151)

Nada de proceder como Roma que quer *paz, verdade e fé* (p.156) a troco de *estações, perdões e jubileus* (p.158). No mecanismo transparente da procura e da oferta, o que lhe cumpre é reformar-se e reformular o seu comportamento, desprezando o poder e olhando para Deus. Até Mercúrio sabe disso:

Dá-lhe, Tempo, a essa senhora
o cofre dos meus conselhos:
e podes-te ir muit'embora.

Um espelho aí acharás,
que foi da Virgem Sagrada,
co'ele te toucarás,
porque vives mal toucada,
e não sentes conmo estás:
e acharás a maneira
como emendes a vida:
e não digas mal da feira;
porque tu serás perdida,
se não mudas a carreira.

Não culpes aos reis do mundo,
que tudo te vem de cima,
polo que fazes cá em fundo:
que, ofendendo a causa prima,
se resulta o mal segundo.
E também o digo a vós,
e a qualquer meu amigo,
quem não quer guerra consigo:
tenha sempre paz com Deus,
e não temerá perigo.

(p. 159)

Vamos procurar alicerces para a salvação e abrir bem os olhos para não confundir interesses. Os das comadres e de quantos pensam como elas estão bem fechados. Em vez de

virtudes querem *patos*, *burel* e uma *pucarinha* (p.167). E não há forma de as convencer de que o investimento tem de rumar noutras direcções:

Marta Dias. Tendes vós aqui burel,
do pardo de lã meirinha?
Branca Anes. Eu queria ãa pucarinha
pequenina pera mel.
Serafim. Esta feira é chamada
das virtudes em seus pratos.
Marta Dias. Das virtudes! E há aqui patos?
Branca Anes. Quereis feirar a cevada
quatro pares de sapatos?
Serafim. Oh, piedoso Deus eterno!
Não comprareis pera os céus
um pouco d'amor de Deus,
que vos livre do Inferno?
Branca Anes. Isso é falar por pincéus.
(p. 167)

Pessimista Gil Vicente neste bem disposto *Auto da Feira*? Um pouco, sim. Há muita inconsciência, demasiado empenhamento na viagem efémera pelo mundo mortal. As moças não precisam de virtudes para casar (p.173), o Diabo esfrega as mãos à espera de muitos fregueses (p.152), maridos e mulheres andam em desavença, o Anjo está desconsolado e confuso.

A Virgem bem pode valer às serranas e garantir um fecho teatral prazenteiro, mas as palavras iniciais do Serafim continuam válidas:

À feira, à feira, igrejas, mosteiros,
pastores das almas, Papas adormidos;
comprai aqui panos, mudai os vestidos,
buscai as samarras dos outros primeiros,
os antecessores.
Feirai o carão que trazeis dourado;
ó presidentes do crucificado,
lembrai-vos da vida dos santos pastores
do tempo passado.
Ó Príncipes altos, império facundo,
guardai-vos da ira do Senhor dos Céus;
comprai grande soma do temor de Deus
na feira da Virgem, Senhora do Mundo,
exemplo da paz,
pastora dos anjos, luz das estrelas.
À feira da Virgem, donas e donzelas,
porque este mercador sabe que aqui traz
as cousas mais belas.

(pp. 151-152)

Ora a verdade é que nem a contenda alegórica entre o Bem e o Mal, nem os resquícios da polémica entre a fé e as obras tiveram honras de estreia no *Auto da Feira*.

Sempre circunscritos às peças de Natal, não esqueçamos que elas eram as traves mestras do *Auto da Barca do Purgatório*, de 1518, onde, perante um Anjo e um Diabo sempre em cena, desfilava um cortejo de tipos característicos da sociedade quinhentista: o lavrador, a regateira, o pastor, a moça, o menino, o taful.

Tal como se processaria em 1527, a representação natalícia inflectiu para a sátira que provoca a reflexão sobre o bem viver. Se já nos tínhamos confrontado com a intercepção de tempos nos primeiros autos (o do nascimento de Cristo e o contemporâneo do autor) e com uma Virgem a passear o seu cachopinho para as bandas da Serra da Estrela, mais perplexos ficamos desta vez.

O Messias acabou de nascer e por isso o batel infernal fica *em seco*, com o rio encaramelado (p. 232); mas nem por isso, anacronicamente, o momento deixa de ser o do juízo particular daquela pequena multidão tão ajustada às andanças e labutas do Portugal de quinhentos. Isto num espaço simbólico, ao pé duma ribeira, que nem está cerca de Belém de Judá, nem nas montanhas da nossa Beira.

A atenção crítica já prestada ao auto dispensa-nos de alardear considerações sobre a sua organização e o seu enquadramento histórico-literário¹⁷. Como para o *Auto da Feira*, fiquemo-nos pela resenha da pregação vicentina para a vigília do Natal, sem, claro, contar com um preceituário bem ordenadinho, porque isto de salvar-se ou perder-se uma alma não é tão simples como ao Diabo aprazeria.

Que sem os bons feitos não há paraíso não se cansa o Anjo de repetir. Ao lavrador pergunta pelas *obras guiantes* (p. 236), a Marta Gil admoesta sobre a necessidade do *merecer* (p. 241), do Pastor quer informação sobre o *bem obrar* (p. 244), passa o Menino porque está em *idade de inocente* (p. 251) e rejeita o Taful porque o *padecer* de Cristo não salva *renegadores* (p. 253).

Mas a oração em si mesma é também *grande cousa* (p. 241), à misericórdia se agarram, e são bem sucedidos, os que o demo quer levar consigo, pelas muitas velhacarias com que adubavam a sua presunção de servidores de Cristo, e a prática dos sacramentos não deixa de ser bem recebida pelo arrais angélico:

Anjo. Conhecias tu a Deus?

Moça. Muito bem, era redondo.

Anjo. Esse era o mesmo dos Céus.

Moça. Mais alvinho qu'estes véus,
o vi eu vezes avondo.

Como o sino começava,
logo deitava a correr.

(p. 249)

Quanto ao culto dos santos e à rotina das rezas decoradas, o Anjo não chega, porém, a esclarecer-nos completamente. É que nem se entusiasma com a fidelidade do Lavrador a Santa Margarida nem com o seu cabal conhecimento do *credão* (p. 236); mas, se fica calado quando o Diabo ataca o Pastor pelo esquecimento do *Pater Noster* (p. 243), ele próprio o interroga sobre o *Crieleição* (p. 245), conquanto logo a seguir ouça, sem contestar, o seu meio jocoso meio sério discurso sobre o mal rezar e o bem agir:

Assaz avonda ao pastor
crer em Deus, e não furtrar,
e fazer bem seu lavor,
e dar graças ao Senhor,
e fugir de não pecar.

E crer na Igreja assi junta
com paredes e telhados,
alicerces e furados;
e não curar de pergunta,
e dar ó Demo os pecados.
Eu nunca matei, nem furtei,

nega uvas algũa ora;
nem nunca xemeriquei,
nem xeremicos falei,
como lá se usa agora.

(p. 245)

Dá para rir e dá para pensar. Em mais um espectáculo natalício para a rainha D. Leonor, desta feita no Hospital de Todos-os-Santos, Gil Vicente abandonou pela primeira vez o presépio e o cerimonial litúrgico para mais livremente apregoar a mensagem de que ele foi a pedra angular.

Situemo-nos daqui por diante no período que decorre entre o *Auto dos Reis Magos* e o *Auto da Barca do Purgatório*.

Pelo Natal, estivesse a corte na capital ou na província, Gil Vicente não se esquivava a colaborar no cerimonial litúrgico com iniciativas dramáticas que ia diversificando, sempre a modos de quem sabe que na vida nada há tão sério que não peça um sorriso nem tão prazenteiro que se feche ao aprendizado.

Em 1510, num escoreito português contra o saiaguês dos pastores, como *zagaleja e lletrada* (pp. 73 e 75) que ocorre ao desejo de saber dos ignorantes, a alegoria da Fé entra na capela real de Almeirim, onde Brás e Benito procuravam em vão identificar os objectos de culto. Com ela, nasce o *Auto da Fé*, terceiro do ciclo da natividade de Cristo.

Os pastores não estão nas imediações do presépio nem em campo aberto, mas numa capela cuja diferença com a da sua aldeia é tanta que mal sabem situar-se (p. 76).

No entanto, além da linguagem, têm em comum com os seus antepassados próximos os nomes bem rústicos, o respeito por quem detém a ciência do sagrado e um quadro de referências populares de quem serve e trabalha.

Se a Fé se refere a Deus, Brás pensa no amo, se se refere a Nossa Senhora, pensa na ama:

Fé. Aquela é a Cruz preciosa,
pera sempre esclarecida,
pera os perigos desta vida,
e nau da salvação nossa.
O homem se chama Jesus,
Messias, Rei, Salvador,
Deus e homem, Redentor;
(não sei se o entendes tu)
Deus é seu nome maior.

Brás. Mi amo ha nombre también
Pero Alonso, y Pero Matos,
y Perazo lo llaman hartos,
ansí como a mano vien.
Allá en nuestro lugar
si no viene lluvia ni vella,
toman una como aquella
nuestros amos, á clamar
ora pro ñuves, ora pro ñuves;
(p. 76)

Vê o menino chorar,
e a Senhora afligida,
sem ter cousa nesta vida,
nem panos para o pensar:

Na manjedoura metido
em pobre palha chorando,
e os anjos embalando
o menino entanguecido.
Brás. Con esso se m'acordó
que cuando parió mi ama
chapuzada allí en la cama
todos los huevos comió.
(pp. 78-79)

Em matéria de doutrina nunca avançam por si; não são réplicas de Gil Terrón: nem lhes ocorre o Antigo Testamento nem o significado da Encarnação; não são repetições de Gregório porque não procuram o Menino nem sobre ele se informam muito.

O seu tempo é o século XVI em que os rústicos a custo diferenciam o *crego* do *sacristā* (p. 72); gostam da *noche de navidá* (p. 77) mas a sua curiosidade dirige-se sobretudo ao imediato circundante. Por isso é oportuna e sensata a atitude da Fé: identifica os objectos mas vai mais longe; explica-se a si própria porque se apercebe de que é a ela que os homens têm de conhecer:

Fé é crer o que não vemos,
pola glória que esperamos;
amar o que não comprendemos,
nem vimos nem conhecemos,
pera que salvos sejamos.

Fé é amar a Deus, só por ele,
quanto se pode amar,
por ser ele singular,
não por interesse dele:
e se mais quereis saber,
crer na Madre Igreja santa,
e cantar o que ela cantar,
e querer o que ela quer.

(p. 75)

Diferentemente do ermitão ou do pastor esclarecido dos autos de estreia, que remetem o nascimento do Messias para cumprimento das promessas do Antigo Testamento, a Fé parte dele para se auto-definir e explica o seu significado, convidando à imaginação de um quadro familiar:

Pastor, faz tu assi:
começa de imaginar
que vês a Virgem estar
como se estivesse aí:
e esta Virgem mui ornada,
de pobreza guarnecida,
de raios esclarecida
de joelhos humilhada;
e que vês diante dela
um menino então nascido,
filho de Deus concebido
naquela santa donzela.

(p. 78)

Por isso, o *Auto da Fé* bem pode ser uma espécie de complemento dos anteriores. Traz a estabilidade doutrinária que lhes faltava nos quadros de um Cristianismo consolidado, que arrancou do nascimento do Deus Menino mas foi exigindo que os homens se adentrassem num clima eclesial de definições e ritos.

Por esta ou por outra razão, o leitor começa a aprender novas verdades; tê-las-ão, no entanto, agarrado bem os dois simpáticos companheiros?

Não há crítica; os pastores, bem comportados, deixaram à porta da capela real o dia-a-dia das suas labutas e das suas rezingas, a Fé prega bem e com modos de quem conhece aqueles a quem se dirige; Benito e Brás sem dúvida que gostaram dela e da sua voz melodiosa.

A verdade, porém, é que, se muito a entenderam, pouco o mostraram, pelo que a recolha de ciência não terá ido muito longe. Agradecem, no entanto, e cantam a sua *enselada* (p. 81)¹⁸.

Na matizada sequência de autos de Natal que terminaria em Dezembro de 1527, os dois que se seguem ao *Auto da Fé*¹⁹ regem-se pelo vaivém de um mesmo posicionamento religioso, adentro da habitual maleabilidade do jogo inventivo de protagonistas e horizontes de localização.

São eles o *Auto da Sibila Cassandra* (1513) e o *Auto da Mofina Mendes* (1515?)²⁰.

Muito mais do que nos dois primeiros autos e do que no posterior *Auto dos Quatro Tempos* (a.1521) e contrariamente aos de 1510, 1518 e 1523 apoiam-se estes em matéria velhotestamentária e, pela primeira vez, enquanto obras de devoção, no contributo das sibilas orientais, também elas de ânimo atento à descida de Deus à terra dos homens.

Não nos admira o fingimento campesino: a jovem Cassandra é sobrinha de Peresica, de Eruteia e de Ciméria e o moço Salomão tem como tios Isaiás, Moisés e Abraão; apreciamos, no entanto, de modo especial a transparência nas regras codificadas do convívio familiar: há um casamento em jogo (Salomão ama mas é rejeitado)²¹ e os velhos parentes tudo querem apressar com a sua prestimosa influência. Há mesmo o elogio muito pragmático do *zagal* que, aliás, se presta aparatosamente à enumeração de teres e haveres:

- | | |
|----------|---|
| Eruteia. | Es generoso.
y virtuoso,
cuerto y bien assombrado;
tiene tierras y ganado,
y es loado
músico muy gracioso. |
| Salomão. | Tengo pumares y vinas,
y mil pinas
de rosas pera holgares;
tengo villas y lugares,
y más treinta y dos galinas. |
| Eruteia. | Sobrina, este zagal
es real,
y para tí está escogido. |

(p. 55)

Insinuantes, os tios do pretenso noivo encham de mimos a arisca sobrinha; dão-lhe até dos *manijas*, uma *cadena* e algumas *sortijas* de reconhecido valor estimativo (p.57). Tudo isto, como era de prever, numa primeira parte do auto, porque a segunda seria reservada à adoração, com Cassandra arrependida do orgulho tonto de ter esperado ser a Virgem mãe do Salvador e todos a cantarem a sua *chacota* (p.67).

De significativo no núcleo inicial, há antes de mais a especificidade das intervenções, em que nada ou muito pouco parece ter sido deixado ao acaso.

Eruteia prevê a virgindade de Maria, a visita dos pastores e dos magos e, despreocupada com a rotação dos tempos, embrecha no Juízo Final a primeira vinda de Cristo (pp.65-66). Peresica antecipa a Paixão e Ciméria medita sobre o projecto moral do Deus humanado.

Para Isaías fica a convicção da humilde santidade de Maria, Moisés faz revelações sobre a criação e sobre o comum destino do homem e da mulher, Abraão espera reencontrar o Deus das alturas na singeleza do Messias terreno.

Transitando deste para o *Auto da Mofina Mendes*, depara-se-nos num primeiro momento Nossa Senhora, rainha rodeada pelas suas damas (a Fé, a Humildade, a Prudência e a Pobreza) e por quatro anjos que garantem o fundo musical. Com um livro aberto, fixa no seu coração as profecias dos judeus e dos pagãos sobre a mãe do Salvador e deseja poder servi-la como escrava (p.108).

Propositadamente ou não, estas profecias são quase as do auto anterior: na narrativa de Ciméria está o mistério do Deus feito carne, na de Eruteia o contexto do nascimento do Menino; Isaías informa sobre o Messias e sobre a Virgem, Moisés recorda a figuração da sarça ardente. Além disso, Salomão é minuciosamente glosado e até de Cassandra diz a Fé:

Cassandra d'el rei Priamo
mostrou essa rosa frol
com um menino a par do sol
a César Octaviano,
que o adoptou por Senhor.

(p. 106)

Fé que, como é óbvio, tem muito a ver com a sua irmã de 1510 quando defende que o *poder de Deus / não se há-de examinar* (p.110) e persuade a uma entrega sem temor aos seus desígnios.

Quando mais tarde nasce o Redentor, ela será companheira dilecta de Maria que é, aliás, quem primeiro venera o Filho; os pastores da cena intermédia, desinteressados e sonolentos, tanto demoram a partida que desta vez só encontrarão a Sagrada Família no caminho para o Templo.

Inconsequente e pouco virtuosa, Cassandra teve a presunção de dar á luz o filho de Deus, desprezando os avisos dos ilustrados familiares. Foi uma espécie de Mofina Mendes com um pote de leite de rara preciosidade, que sonhou sem os pés na terra e com a cabeça cheia de vento.

Temos, assim, o segundo elo de união entre os dois autos: celebrando embora a Natividade e o seu encaixe num projecto divino sem rupturas, ambos são panegíricos poéticos de Maria, em que o negativo e o positivo se colam numa imagem onde o menosprezo de si cede à confiança em quem mais percebe e melhor decide. De convicção arrogante, o sim de Cassandra foi irrisoriamente desprezado; solicitado e reflectido, o de Maria foi universalmente saudado.

Imanados na divulgação da experiência escriturística e na gratidão a Nossa Senhora, o *Auto da Sibila Cassandra* e o *Auto da Mofina Mendes* são ainda curiosas pedras de toque no conjunto daqueles em que a censura à realidade abrangente aparece oportunamente a segmentar a recordação litúrgico-evangélica da primeira noite de Natal.

Pelo que ao segundo concerne, limitemo-nos a esta dorida lamentação de S. José, sem a sobrecarregar com comentários escusados:

Senhora, não monta mais
semear milho nos rios,
que queremos por sinais
meter cousas divinais
nas cabeças dos bugios.

Mandai-lhe acender candeias,
que chamem ouro e fazenda,
e vereis bailar baleias;
porque irão tirar das veias
o lume com que s'acenda.
E à gente religiosa
manda-lhes velas bispais;
a cera, de renda grossa;
os pavios, de casais;
e logo não porão grosa.

(p. 121)

Quanto à *Sibila Cassandra*, julgo que seria nosso dever não simplificar excessivamente as causas da sua recusa ao noivado com Salomão.

Entre duas atitudes de ridícula presunção (a de não haver pastor que lhe encha as medidas e a de trazer na fantasia a sua adequação à Virgem mãe de Jesus), ela não deixa de ter razões de peso para rejeitar o casamento. Porquê curvar-se a que os tios e as tias decidam por ela? Porquê trocar a pureza por dinheiro e sorrir hipocritamente a ofertas lisonjeiras? Porquê, se tudo à sua volta lhe mostra o contrário, encantar-se com o pretendente amável e transigente, sem pensar no marido egoísta, leviano ou ciumento e autoritário em que ele pode transformar-se²²?

E, afinal, aquilatados os argumentos, não está ela em seu perfeito juízo quando contesta a douta dissertação de Moisés sobre o matrimónio sacramentado²³?

Ouçamo-la e tiremos as nossas conclusões:

Qué? Cuando Dios los hazía
y componía,
en esos tales no hablo:
mas n'aquellos que el diablo
en su retablo
haze y ordena cadaldía.
Por cobdicia los ayunta,
y no pregunta
por otra virtud alguna;
y después que la fortuna
los enfuna,
toda gloria le es defunta.
Si yo me casasse ahora,
dende a una hora
no querría ser nacida.
No tengo más de una vida;
y, sometida,
dix, Casandra, tirte afuera.
Marido? ni aun soñado,
ni pintado.
No curéis de profiar,
porque para bien casar
no es tiempo concertado.

(p. 59)

Neste circuito de autos da Natividade quase a fechar-se diante de nós, alternaram pastores de feição realista com figurações antigas de recorte pastoril, desfilaram personagens tipificadas

de braço dado com alegorias e ficções, vieram até nós os protagonistas sagrados, no recolhimento silencioso do presépio, na narrativa ingênua de um encontro feliz, na faina generosa de preparar o berço do Deus Menino.

Houve pegadas da sabedoria escriturística, doutrinação eclesial e litúrgica, sátira e edificação; renderam-se os pobres de espírito aos mais avisados; contemplaram-se presépios e fizeram-se ofertas; concertaram-se tempos e espaços; aglutinou-se o profano ao sagrado, o elemento culto ao popular.

Numa afortunada convergência de procedimentos e de síntese moral, tudo isto se alia no *Auto dos Quatro Tempos*, representado ainda no reinado de D. Manuel.

Os Tempos irmãos são as estações com roupagem de pastores; como eles sofrem os rigores do frio e a secura da estiagem, como eles revigoram-se no Verão e amadurecem no Outono; como eles enfrentam-se e desdenham-se, sem por isso se quererem mal:

Verão. Oh, hi de puta! qué asseo!
a qué veniste, mortaja?
Siempre vienes hazer paja
todo cuanto yo verdeo.
Cómo vienes luengo y feo,
y chamuscado el carrillo,
seco, flaco y amarillo,
vestido de mal asseo!

Oh, mal logrado de Estío,
a qué vienes? vete, vete,
no estío, mas hastío.

Estio. Calla, calla, verdolete,
qué bueno es el tiempo mío;
porque assesa tus locuras,
tus vanas flores y rosas,
y otras cosas curiosas,
que en ti no son seguras.

(p. 91)

Vivem entre canseiras e alegrias, dependentes das benesses dos campos, obedientes aos amos, zelosos do gado, presos à sua labuta ou enfeitados pelos gozos deste mundo.

Até que alguém lhes vem trazer a notícia entusiasmante do nascimento do Salvador. Não, note-se, um enviado de Deus, mas o altivo pai dos deuses:

Todos van hoy adorar
al criador poderoso,
que es nacido.
Las aves con su cantar,
y el ganado selvinoso
con bramido,
los salvaginos bestiales
con olicorne pandero
dan loores;
y los brutos animales
adoran aquel cordero,
y los pastores.

Pues qué hazéis, tiempos hermanos,
descuidados del amor
del que nació?

Llevantad todos las manos,
vamos ver aquel señor,
que nos crió.

(pp. 94-95)

Partindo com ele para adorar o recém-chegado, é toda a comunhão do universo que levam consigo, o visível de uma natureza que permanentemente se renova e o invisível das forças pagãs que acabam.

Enquanto cantam, vão aprendendo com Júpiter como é desmesurado o poder do Criador a quem, na pessoa indefesa de uma criança, se rendem as potestades e as criaturas:

Alto niño en excelencia,
yo vengo de las alturas
a te adorar,
y traerte obediencia
de todas las criaturas
sin faltar
de toda la redondeza,
sin faltar, digo, ninguna,
se ayuntaran,
y a adorar tu grandeza,
tu divinidad sola una,
me embiaran.

(p. 96)

Sobre a Sagrada Família nada acrescentam, mas, pelo que a presentes toca, são mais abnegados que os portadores de prendas materiais; oferecem a resignação aos males, agradecem os dons naturais e bendizem o Messias. Protagonizam, no *Auto dos Quatro Tempos*, a segunda adoração.

Uma primeira, com *villancico*, foi a do Serafim com um arcanjo e dois anjos. Nas suas palavras luminosas, ganhara força a doutrina da grande mudança trazida pela vinda de Cristo, vencedor do Mal herdado. Nelas se exaltara igualmente o auxílio da Virgem no mistério da Redenção, colocando-a numa moldura humana de mulher pobre, apesar de bem adornada e acompanhada por donzelas que a não abandonam (p. 84).

Uma terceira adoração viria a ser a de David, pegureiro e tocador que traz no nome a conotação do rei-profeta e no falar os ecos de muitos *Salmos e Hinos*.

Exuberante e brincalhão como os pastores, e instruído como os verdadeiros sábios, depõe aos pés da Nova a Velha Lei, discípulo moderno de um decálogo que lhe recomenda a oferenda do coração contrito:

No te trayo otro presente,
Quoniam, si voluisses
sacrificium, darlo hía;
pero no eres plaziente
por ofertas que aqui viesses;
ni te causan alegría:
sacrificium Deo es
el espíritu atribulado,
y el corazón contrito,
el cual pido que me des,
andando con mi ganado
por el tu poder bendito.

(p. 101)

Quando o paganismo e o judaísmo se entregam, Cristo triunfa e a sua acção redentora espalha-se por todo o Universo criado.

Nesta tantas vezes gabada peçazinha de Natal, nem a morigeração nem a teologia se assegnorearam da celebração.

Foi a bendizer o Senhor que a família manuelina e os seus acompanhantes rezaram as suas matinas de 24 de Dezembro.

Fez Gil Vicente orelhas moucas aos ensinamentos dos dramaturgos espanhóis seus primeiros mestres, a partir de cerca de 1510?

De forma alguma. Já dissemos que as lições foram bem aprendidas, mas, graças a Deus, por um discípulo engenhoso e situado num mar largo de estímulos de muitas bandas.

O saiaguês reaparece no pastor Inverno, as *pullas* quando os espíritos se exaltam, a bazófia no Salomão enamorado e no jubiloso Verão, o pasmo do rústico perante os requintes palacianos traz à cena a bem falante Fé, anjos chamam os pastores adormecidos que ainda julgam ouvir o canto dos grilos (*Mofina Mendes*, p.123), os amores loucos não ganham mesmo juízo²⁴.

Isto no que tem a ver com Juan del Encina e com Lucas Fernández, porque a dívida para com Torres Naharro foi também gostosamente paga por Gil Vicente. Já que não temos oportunidade de a esmiuçar, e à laia de consolação, terminemos com um texto seu de flagrante semelhança com o quadro inicial do *Auto da Mofina Mendes*:

Patrispano. Mas antes estaua bien acompañada
de sus tres donzellas, que agora os diré.
La vna, en verdad,
era su querida, la Virginidad,
que en parto y sin él l'estuuo al costado;
la otra, Prudencia; la otra, Vmildad,
que todas la siruen con todo cuydado.
La Virgen, onesta,
notando del ángel la nueua requesta,
pidió a la Prudencia consejo de amiga.
Responde: Señora, no auéis de ser presta
en el responder a lo qu'él vos diga;
mas, con discreción,
mirar todas cosas con seso y razón.
Lo qual la señora, que bien entendía,
pensaua cuál fuese la salutación;
y el ángel le dixo: No temas, María,
que por tu valor
hallaste la gracia, vezina al Señor,
y d'él vn infante tú concibirás.
La Virgen, armada de sancto pudor,
oyendo lo tal dudó mucho más;
y entonces, al ora,
la Virginidad le dixo: Señora
dí si por varón, o de qué manera.
Si dize que sí, tomemos agora
y a palos le echemos por la puerta fuera.
Tornó con saber
la Virgen al ángel: Cómo puede ser?,
que nunca varón jamás conosci.

Y el ángel le dixo: Dios quiere [hazer]
qu'Espíritu Sancto venga sobre ti.
Y entonces María
dixo a la Humildad qué le parescía:
y aquélla responde, sin más altercar,
que aquello qu'el ángel ta[n] bien le dezía
con ojos humildes deuría acceptar.²⁵

Parentesco? Filiação comum? Intimidade que permite imitar sem copiar? Havemos de sabê-lo, que as buscas já começaram.

Notas

¹ Sobre o drama peninsular e sobre a literatura pastoril da época há vários trabalhos. A influência dos espanhóis sobre Gil Vicente vem referida em quase todos eles. Citaremos apenas os publicados nas três últimas décadas, sem deixar, no entanto, de referir a importância de Carolina MICHAELIS DE VASCONCELOS, *Notas Vicentinas*, impressão da Revista do Ocidente, Lisboa, 1949, e de fazer notar que em muitas edições da obra de Gil Vicente há informação sobre o assunto.

Eis alguns títulos:

John BROTHERTON, *The «Pastor-Bobo» in the Spanish Theatre before the Time of Lope de Vega*, Tamesis Books Ltd., Londres, 1975.

José María Díez-BORQUE, *Aspectos de la oposición «caballero-pastor» en el primer teatro castellano (Lucas Fernández, Juan del Encina, Gil Vicente)*, Instituto de Estudios Ibéricos e Ibero-Americanos, Bordéus, 1970.

Francisco LÓPEZ ESTRADA, *Los Libros de Pastores en la Literatura Española*, Gredos, Madrid, 1974.

Humberto LÓPEZ MORALES, *Tradición y creación en los orígenes del teatro castellano*, Alcalá, Madrid, 1968.

Leif SLETSJOE, «L'évolution du théâtre dans la Péninsule Ibérique et l'oeuvre dramatique de Gil Vicente», *Revue Romane*, VIII, Copenhague, 1973.

Ronald E. SURTZ, *The Birth of Theater: Dramatic Convention in the Spanish Theater from Juan del Encina to Lope de Vega*, Princeton University/Castalia, Madrid, 1979.

Frida WEBER DE KURLAT, «El teatro prelopesco: líneas de investigación en los años setenta», *Nueva Revista de Filología Hispánica*, XXIX, México, 1980.

Além disso, convém não esquecer também o contributo dos vicentinos propriamente ditos, seguindo o mesmo critério de selecção:

Eugenio ASENSIO, *Estudios Portugueses*, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1974.

Cleonice BERARDINELLI, *Estudios de Literatura Portuguesa*, IN-CM, Lisboa, 1985.

Neil MILLER, *O Elemento Pastoril no Teatro de Gil Vicente*, Inova, Porto, 1970.

A. da Costa RAMALHO, *Estudios sobre a Época do Renascimento*, Instituto de Alta Cultura, Coimbra, 1969.

A. da Costa RAMALHO, *Estudios sobre o Século XVI*, 2ª edição aumentada, IN-CM, Lisboa, 1983.

Stephen RECKERT, *Espírito e Letra de Gil Vicente*, IN-CM, Lisboa, 1983.

Stephen RECKERT, *O essencial sobre Gil Vicente*, IN-CM, Lisboa, 1985.

Stephen RECKERT, *G.V., espíritu y letra*, Gredos, Madrid, 1977.

I.S. RÉVAH, *Études Portugaises*, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1975.

Maria Aparecida RIBEIRO, *Gil Vicente e a Nostalgia da Ordem*, Livraria Eu e Você Editora, Rio de Janeiro, 1984.

Luciana STEGAGNO-PICCHIO, *La Méthode Philologique. Écrits sur la Littérature Portugaise, II. La Prose et le Théâtre*, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1982.

Paul TEYSSIER, *Gil Vicente -- o autor e a obra*, ICALP, Lisboa, 1982.

VV.AA., *Quaderni Portoghesi*, 9-10 (1981), Gardini editori, Pisa, 1983.

² Citaremos a obra de Gil Vicente por *Copilaçam de Todas as Obras de Gil Vicente*, vol.I, introdução e normalização de Maria Leonor Carvalhão BUESCU, IN-CM, Lisboa, 1983. Para referências rigorosas

convém, no entanto, fazer o confronto com a edição *princeps* de 1562. Lucas Fernández será citado pelo volume de *Farsas y Églogas*, ed. de Maria Josefa CANELLADA, Castalia, Madrid, 1976, e Juan del Encina por *Obras Dramáticas I (Cancionero de 1496)*, ed. de Rosalie GIMENO, Istmo, Madrid, 1975, e *Teatro (Segunda producción dramática)*, ed. de Rosalie GIMENO, Alhambra, Madrid, 1977 (reimpressão de 1982).

Os dois autos de Lucas Fernández inicialmente comentados serão abreviados em *E.F.N.* e *A.F.N.* e os de Gil Vicente em *A.P.C.* e *A.R.M.*

Sobre as duas primeiras peças vicentinas estudadas, importa referenciar:

John LIHANI, «Personal Elements in Gil Vicente's *Auto Pastoril Castelhanos*», *Hispanic Review*, XXXVII, Filadélfia, 1969.

Osório MATEUS, *Reis*, Caixas Vicente, Quimera, Lisboa, 1990.

María Victoria NAVAS, *Pastoril Castelhanos*, Caixas Vicente, Quimera, Lisboa, 1989.

Pela importância que a música, a iconografia e a liturgia em geral têm nos primeiros e em muitos dos restantes autos de Gil Vicente, lembramos:

Dámaso ALONSO, *Obras Completas*, tomo II, *Estudios y Ensayos sobre Literatura desde las orígenes románicas hasta finales del siglo XVI*, Gredos, Madrid, 1973.

Daniel BECKER, «De la musique dans le théâtre religieux de Gil Vicente», *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XXIII, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1987.

Margit FRENK ALATORRE, *Estudios sobre lírica antigua*, Castalia, Madrid, 1978.

Mário MARTINS, «Canções marianas musicadas nos autos vicentinos», *Didaskalia*, vol.VII, fasc.2, Lisboa, 1977.

Mário MARTINS, *Guia geral das Horas del-rei D.Duarte*, Brotéria, Lisboa, 2ªed., 1982.

Mário MARTINS, *Introdução histórica à vidência do Tempo e da Morte*, Livraria Cruz, Braga, 1969.

C. Folkins MCGINNIS, *La danza literaria como símbolo de metamorfosis: empleo y sentido en el teatro de Juan del Encina y Gil Vicente*, dissertação, Case Western Reserve University, 1977.

Alberto SANCHEZ, «Os poemas castelhanos de Gil Vicente», *Vértice*, XXV, Coimbra, 1965.

³ No teatro profano, o ermitão é muitas vezes dissoluto e cristão pouco cultivado (*Farsa de Inês Pereira, Serra da Estrela*, por exemplo).

⁴ Muitos estudos sobre Gil Vicente se detêm no saiaaguês. Além do já citado de Luciana Stegagno-Picchio, não esquecer Paul TEYSSIER, *La Langue de Gil Vicente*, Klincksieck, Paris, 1959. LÁZARO CARRETER faz oportunas considerações sobre o uso do dialecto pastoril em *Teatro Medieval*, Castalia, Madrid, 4ª ed., 1986. Quase toda a bibliografia geral sobre Juan del Encina e Lucas Fernández se lhe referem.

⁵ Importa fazer aqui uma remissão para o teatro de Gómez Manrique (século XV).

⁶ Na segunda produção dramática de Juan del Encina. Ver critérios de ordenação de Rosalie Gimeno. Não esquecer também que as *Églogas I* e *II* podem ser consideradas duas partes de um mesmo texto: neste caso, a semelhança com Gil Vicente aumentaria um pouco.

⁷ Processo idêntico é seguido no *Auto de la Pasión* de Lucas Fernández, mas sem a figuração pastoril.

⁸ Os procedimentos estéticos de repetição e inovação são cuidadosamente analisados por Stephen Reckert, entre outros.

⁹ Recordemos como este arranjo estético é frequente na pintura do século XVI.

¹⁰ Sobre as duas fases de Gil Vicente consultar Teyssier e Reckert. Eu própria me referi à questão em «Lisboa, um rei que regressa e uma *Nao d'Amores*», *Arquivos do Centro Cultural Português*, XXIII, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1987.

¹¹ A *Frágua de Amor* (1524) e a *Nau de Amores* (1527) são excelentes exemplos do *Omnia vincit Amor*. Consultar, de Stanislav ZIMIC, «Estudios sobre el teatro de Gil Vicente (obras de tema amoroso)», *Boletín de la Biblioteca Menéndez Pelayo*, LVIII e LIX, Santander, 1982 e 1984.

¹² Sobre este auto ler *Pastoril Português*, de Alexandra MARIANO, Caixas Vicente, Quimera, Lisboa, 1990.

¹³ A rainha D. Leonor faleceu em 1525.

¹⁴ Da problemática do casamento nos ocuparemos a propósito do *Auto da Sibila Cassandra*.

¹⁵ Muito estudado, este posicionamento pode ser revisto à luz de dois contributos contemporâneos:

Eugenio ASENSIO, «Gil Vicente y su deuda con el humanismo: Luciano, Erasmo, Beroaldo», in *Estudos Portugueses. Homenagem a Luciana Stegagno-Picchio*, Difel, Lisboa, 1991.

J.V. de Pina MARTINS, «Humanismo cristão e erasmismo: Gil Vicente e Sá de Miranda» in *Humanismo e erasmismo na cultura portuguesa do século XVI*, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1973.

¹⁶ Sobre o *Auto da Feira* poderão consultar-se, na Biblioteca de Bolso Dom Quixote, Lisboa, 1989, os estudos de Lindley CINTRA e João Nuno ALÇADA que acompanham a edição da obra e, nas Caixas Vicente, Quimera, Lisboa, 1989, um trabalho de Maria João ALMEIDA.

¹⁷ Trabalhos recentes sobre questões postas por este auto são, além de alguns já citados na bibliografia geral (Reckert, por exemplo), os seguintes:

Claude-Henri FRÈCHES, «L'économie du salut dans la trilogie des Barques», in *Mélanges à la mémoire d'André Joucla-Ruan, Études Littéraires*, vol.II, 2, Université de Provence, Aix-en-Provence, 1978.

J.A. [Mourão] SIMÕES, «A geografia do além: figuratividade e representação», *Boletim da Sociedade de Geografia*, série 102, nº 7-12, Lisboa, 1984.

¹⁸ Para melhor compreensão do *Auto da Fé*, ler:

Cleoneice BERARDINELLI, «A romagem da Fé em alguns autos vicentinos», in *Estudos Portugueses. Homenagem a Luciana Stegagno-Picchio*, Difel, Lisboa, 1991.

Carlos GOUVEIA, *Fé*, Caixas Vicente, Quimera, Lisboa, 1989.

¹⁹ Aceitamos as posições de I.S. Révah e de Paul Teyssier quando propõem o ano de 1515 para uma primeira representação do *Auto da Mofina Mendes*. A segunda bem poderá ter tido lugar em 1534.

²⁰ O auto chamava-se primitivamente *Mistérios da Virgem*, mas, como se sabe, a figura de Mofina Mendes acabou por fazê-lo mudar de nome.

²¹ Há quem veja em Salomão a prefiguração de Cristo e na recusa de Cassandra, a desconfiança do mundo pagão face ao Cristianismo.

²² Cassandra poderia ser estudada a par de figuras como Inês Pereira, a ama do *Auto da Índia* ou Isabel (*Quem tem farelos?*).

²³ Sobre os dois autos consultar:

Maria João BRILHANTE, *Mofina*, Caixas Vicente, Quimera, Lisboa, 1990.

Thomas R. HART, *Cassandra and Don Duardos*, Grant & Cutler / Tamesis Books, Londres, 1981.

Frida WEBER DE KURLAT, «Gil Vicente y Diego Sánchez de Badajoz: a propósito del *Auto da Sibila Cassandra* y de la *Farsa del Juego de Cañas*», *Filología*, Buenos Aires, 1963.

²⁴ A ideia está numa égloga profana de Lucas Fernández (edição citada, p.117).

²⁵ Este passo do *Diálogo del Nacimiento*, de Torres Naharro encontra-se nas pp.278-279 no vol.I da *Propalladia and Other Works of B.T.N.*, editada por J. GILLET, University of Pennsylvania Press, Bryn Mawr and Philadelphia, 1943-1962.